

OS SINTAGRAMAS DA NEOPEDAGOGIA DA GRAMÁTICA NA ANÁLISE DOS TEXTOS

THE SINTAGRAMS OF GRAMMAR NEOPEDAGOGY IN THE ANALYSIS OF TEXTS

Alceu Vanzing¹

Arlinda Maria Caetano Fontes²

Resumo

Este artigo propõe-se a mostrar e descrever os sintagmas utilizados na prática da Neopedagogia da Gramática. Trata-se de símbolos visuais que categorizam os elementos do texto a fim de tornar mais atraentes as atividades de leitura e escrita. Tais símbolos foram idealizados pelo Professor Francisco Dequi, criador do Centro de Estudos Sintagmáticos – CES –, ao conceber a sua Neopedagogia da Gramática. Com eles, analisam-se textos de forma precisa e com muita brevidade, facilitando as tarefas de compreensão, interpretação e produção textuais.

Palavras-chave: Análise textual. Neopedagogia da Gramática. Sintagmática. Sintagma.

Abstract

This article aims at showing and describing the syntagms used in the practice of the Neopedagogy of Grammar. It deals with visual symbols which categorize text elements in order to make more attractive both reading and writing activities. Such symbols were constructed by Prof. Francisco Dequi, CES' creator (Syntagmatic Studies Center), in conceiving his Neopedagogy of Grammar. With such symbols texts can be analyzed in a more precise manner and very briefly, facilitating comprehension, interpretation and textual production activities.

Keywords: Textual analysis. Neopedagogy of grammar. Syntagmatic. Syntagma.

Introdução

É importante que os acadêmicos de Letras reconheçam todos os componentes linguísticos dos textos que circulam entre os alunos, na sala de aula, nas comunicações sociais e profissionais ou em qualquer situação que envolva leitura e/ou produção textual. Os textos só poderão ser bem construídos se forem conhecidas certas estratégias de sua arquitetura. Quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ativa seu conhecimento prévio das estruturas textuais. Os alunos, então, devem ser familiarizados com elas, a fim de poderem assimilar as

¹ Licenciado em Letras pelo UNILASALLE, de Canoas/RS; especialista em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa pela UFRGS; docente na Educação Básica e nos cursos de Letras e Especialização em Neopedagogia da Gramática, na Faculdade de Tecnologia do IPUC/FATIPUC, em Canoas/RS. *E-mail:* <professor.alceu@gmail.com>.

² Licenciada em Letras pela UNISINOS, de São Leopoldo/RS; especialista em Teoria da Literatura pela PUCRS e em Linguística do Texto pela UNISINOS; mestre em Comunicação/Semiótica pela UNISINOS; docente e coordenadora dos cursos de Letras e Especialização em Neopedagogia da Gramática, na Faculdade de Tecnologia do IPUC/FATIPUC, em Canoas/RS. *E-mail:* <arlinda10@gmail.com>.

estratégias discursivas com que se tecem os textos e adquirir versatilidade para se expressarem e compreenderem o que leem. Isso exige que o professor de língua portuguesa esteja preparado para executar, com segurança e competência, o seu ofício de orientar o educando a lidar com esses textos.

Assim, tendo-se em vista capacitar o professor a orientar o educando na lida com a leitura e a produção de textos em qualquer área de saber, usando com propriedade a sintaxe da língua, sugere-se a utilização de uma proposta pedagógica, embasada em símbolos visuais, espécie de sintagramas, que categorizam os elementos textuais. Tais símbolos, expostos a seguir, foram idealizados pelo Professor Francisco Dequi, criador do Centro de Estudos Sintagramaticais – CES –, ao conceber a sua Neopedagogia da Gramática. Com eles, analisam-se textos de forma precisa e com muita brevidade, facilitando as tarefas de compreensão e interpretação.

Partindo-se da observação de que o homem do século XXI vive apressado – a maioria passa grande parte do dia no trânsito, dirigindo-se ao trabalho, à escola ou envolvido em outras atividades –, considera-se oportuno expor esta metodologia para que mais pessoas se beneficiem dela, passando a analisar as estruturas frasais num piscar de olhos, (re)conhecendo o emprego da modalidade padrão da língua e, em consequência, aprimorando os seus trabalhos escritos.

Essa pressa, como não podia ser diferente, chega às escolas. Por isso, cada vez mais, sente-se a necessidade de descobrir técnicas capazes de agilizar o trabalho discente. E a análise dos termos oracionais com a utilização dos sintagramas propostos pelo Professor Dequi parece ser bem interessante e econômica. Tudo é feito com muita agilidade, uma vez que emprega símbolos que dispensam perda de tempo com a escrita repetitiva dos inúmeros nomes técnicos cultivados pela Gramática Tradicional.

1 Ensino visual

Atualmente, tem-se prestigiado muito o ensino visual. Percebe-se, em todas as disciplinas, o emprego de recursos desse tipo como forma de fixar e ilustrar os diversos assuntos abordados. Na disciplina de literatura, utilizam-se pinturas, imagens e poemas ilustrados, bem como, ultimamente, têm aparecido até

adaptações das obras clássicas para HQs (histórias em quadrinho), o que está provocando alguns conflitos envolvendo os professores: por um lado, elas destroem a literariedade da obra, uma vez que se configuram como outro texto, diferente do original; mas, por outro, são verdadeiras obras-primas que sintetizam a narrativa do primeiro, oferecendo para o leitor, muitas vezes, uma leitura mais cativante. No ensino de história e geografia, têm-se mapas ilustrados e interativos, contando a história dos povos com personagens fictícios.

Os apelos visuais, praticamente, dominam as relações humanas. Focalizam tudo e, sendo assim, no ambiente escolar, no ensino dos diferentes componentes curriculares, também, fazem-se presentes. O professor precisa valer-se de recursos desse tipo ou corre o risco de ser vencido pelo poder das novas tecnologias que tão bem empregam formas, sons e cores para agradar o homem atual. Há de se destacar, no entanto, que, no ensino, os recursos visuais não são novos: há décadas, eles vêm sendo utilizados e vêm sofrendo adaptações, a fim de modernizar e qualificar o trabalho pedagógico e, além disso, contribuir para a sua eficácia. Os livros didáticos adotados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio trazem textos com explicações fartamente ilustrados. Mas isso, normalmente, tem sido feito apenas no aspecto estético, pois os conteúdos continuam sendo desenvolvidos sem maiores inovações que venham facilitar a aprendizagem.

Para o Prof. Francisco Dequi – profissional sempre preocupado em ativar técnicas para melhorar o desempenho docente e a aprendizagem –, essa situação não pode continuar como está. Já em 1976, na sua Carta Magna da Língua Portuguesa, ele mencionava a importância do ensino de língua portuguesa com ênfase ao aspecto visual. Veja-se:

Vivemos a época da didática visual. O homem moderno exige que as informações sejam acompanhadas da comprovação ocular. Diante dessa circunstância, é imprescindível que se visualizem, no próprio texto, as estruturas fraseológicas por meio de sintagmas que auxiliem a compreensão da codificação da mensagem. Os gráficos devem ser de número reduzido, unívocos, polivalentes e capazes de demonstrar todo o funcionamento da estrutura oracional e de induzir o estudioso à análise e ao raciocínio (DEQUI, 2011, p. 101).

Observa-se que a tentativa de agregar técnicas com emprego de material visual, no ensino, não é assunto novo: há bastante tempo vem sendo defendida por diferentes autores. Na concepção atual de ensino de gramática, subjaz a premissa

de que o ensino gramatical deve ser atrativo e, por isso, é indispensável, atualizá-lo. Irandé Antunes, no livro *Aula de português: encontro e interação*, defende que

O estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que se desfaça essa ideia errônea de que estudar a língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa e, quase sempre, adversa. Uma tarefa que se quer esquecer para sempre, logo que possível (ANTUNES, 2003, p. 97).

Deduz-se daí que trabalhar a sintaxe com um método visual torna menos penosa a missão do aluno e, em consequência, também o professor vê amenizada a sua labuta. Os símbolos, se bem utilizados, podem promover economia de outros meios para a aprendizagem que se quer empreender. Listas de nomenclaturas que, muitas vezes, não são apropriadas para a compreensão do que se quer ensinar podem ser substituídas por sinais que, sozinhos, falam, esclarecem, explicitam toda a análise que se deseja realizar. É o caso dos sintagmas – códigos visuais – idealizados pelo Prof. Francisco Dequi (mentor do movimento neodidático) e fartamente utilizados em todas as suas obras da Neopedagogia da Gramática.

Observe-se a frase abaixo e a sua análise sintática realizada pelo método tradicional.

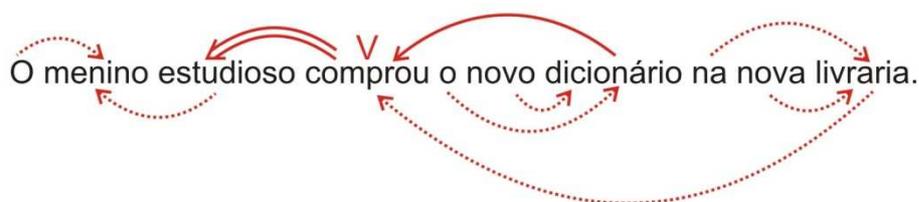
O menino estudioso comprou o novo dicionário na nova livraria.

- ☞ sujeito: o menino estudioso;
- ☞ núcleo do sujeito: menino;
- ☞ adjuntos adnominais do sujeito: o / estudioso;
- ☞ predicado verbal: comprou o novo dicionário na nova livraria;
- ☞ núcleo do predicado verbal: comprou – verbo transitivo direto;
- ☞ objeto direto: o novo dicionário;
- ☞ núcleo do objeto direto: dicionário;
- ☞ adjuntos adnominais do objeto direto: o / novo;
- ☞ adjunto adverbial: na nova livraria;
- ☞ núcleo do adjunto adverbial: livraria;
- ☞ adjuntos adnominais do adjunto adverbial: (n)a / nova.

Pelo método tradicional de fazer a análise sintática, era preciso reter uma grande listagem nomenclatural, muitas vezes, sem qualquer sentido para o aluno. Ainda, era preciso envolver-se, escrevendo inúmeras vezes a mesma informação

(como se vê acima) para garantir o trabalho completo. Fazia-se uma lista enorme dos termos encontrados e se atribuía a eles as nomenclaturas ditadas pela gramática normativa. Assim, nem sempre o discente era capaz de saber o que estava fazendo. Era difícil entender, por exemplo, o sentido de dar ao adjunto adnominal esse nome que significa junto, junto, junto do nome (ad = junto + junto + ad = junto). Ainda que essa classificação estivesse correta, era inapropriada por ser cansativa e desprovida daquele fascínio que é crucial para atrair o estudante à aprendizagem. Com tal metodologia, sem qualquer chamariz que o entusiasmasse, o aprendiz facilmente passava a desprezar o ensino.

Agora, veja-se a mesma análise na modalidade proposta pela Neopedagogia da Gramática, com a utilização dos sintagramas.



Observe-se mais esta frase:



Com a simples visualização dos sintagramas, obtém-se a análise completa de todos os termos do enunciado. Assim, tudo fica bem mais fácil. Os sintagramas utilizados, simplesmente, anunciam os resultados de toda a análise sem que o analista precise dispendir tempo excessivo. Tudo o que foi dito anteriormente está explicitado aqui e, numa linguagem bem mais ao gosto dos jovens e adolescentes que passam pelas escolas. Basta-lhes o conhecimento da simbologia adotada pelo novo método, cuja aquisição pode dar-se de forma lúdica, envolvendo experiências e brincadeiras que são descritas nas páginas das obras do CES.³

Nos dois exemplos apresentados acima, tem-se a análise sintática realizada de acordo com a Neopedagogia da Gramática, que utiliza os símbolos gráficos,

³ Vejam-se exemplos, entre outras obras, na *Sintagramática*, pp. 32 e 133.

chamados sintagramas. Eles mostram, realmente, qual é o termo determinante e qual é o determinado, indicando suas características de termo essencial, integrante e acessório. A seta com traço duplo, essencial, mostra a relação sujeito/verbo; a seta com traço contínuo mostra a presença de termos integrantes, como os complementos verbais desses enunciados, o complemento nominal, o agente da passiva, o predicativo; e a seta com traço pontilhado liga os determinantes acessórios a seus nomes ou verbos, os adnomes (adjuntos adnominais da nomenclatura tradicional) e os advérbios (adjuntos adverbiais).⁴ Enfim, pelo método dequiiano, ocorre uma sistematização visual que, ao mesmo tempo, fornece a função sintática de cada termo e classifica-os em essenciais, integrantes e acessórios, bem como descreve a ordem em que se encontram: direta ou indireta. Na Neopedagogia da Gramática, defende-se o lema didático *de levar o aluno a perceber o fato gramatical, e não apenas limitar-se a decorar regras*.

Ressalta-se, ainda, que a análise sintática, útil para a compreensão e interpretação dos textos, deve sempre considerar a frase em seu contexto, pois a mera classificação dos termos de frases soltas pouco contribui para a aprendizagem das estruturas da língua. Antunes salienta que a gramática deva ser funcional e justifica:

Com isso se pretende privilegiar o estudo das regras desses usos sociais da língua, quer dizer, de suas condições de aplicação em textos de diferentes gêneros. Deve-se propor, portanto, uma gramática que tenha como referência o funcionamento efetivo da língua, o qual, como se sabe, acontece não através de palavras e frases soltas, mas apenas mediante a condição do texto. Assim, o professor deve apresentar uma gramática que privilegie, de fato, a aplicabilidade real de suas regras, tendo em conta, inclusive, as especificidades de tais regras, conforme esteja em causa a língua falada ou a língua escrita, o uso formal ou o uso informal da língua. Não adianta muito saber os nomes que as conjunções têm. Adianta muito saber o sentido que elas expressam, as relações semânticas que elas sinalizam (ANTUNES, 2003, p. 96).

Até aqui, mostrou-se a importância, portanto, de se utilizar uma metodologia mais atraente para o ensino da gramática, dinâmica e visual. A seguir, passa-se a expor a proposta da Neopedagogia da Gramática, com a elucidação dos sintagramas de que ela faz uso.

⁴ Cf. Dequi, 2008, p. 15 ss.

2 Fórmula da oração

O Prof. Francisco Dequi deu o nome de fórmula da oração à representação da estrutura básica de uma frase normal da língua. Trata-se de um diagrama que tem a função de facilitar o ensino da sintaxe a partir da utilização de elementos gráficos que mostram os polos determinantes e determinados. Observe-se:

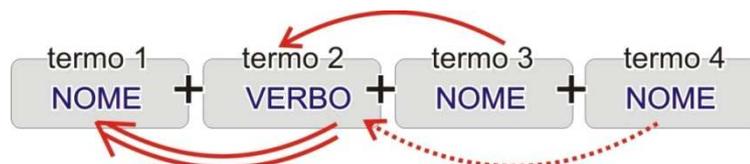


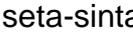
Fig. 1: Fórmula da oração
Fonte: DEQUI, 2011.

Observando-se a fórmula da oração, percebe-se que o aspecto visual é predominante no método adotado pela Neopedagogia da Gramática, o qual foi apresentado ao universo acadêmico, pelo seu autor, em 1976. É um método mnemônico que utiliza, como já se mencionou, elementos visuais, chamados de sintagramas, que facilitam o trabalho de classificação sintática.

2.1 Sintagramas

Os Sintagramas são símbolos visuais, códigos gráficos, usados pela Sintagramática para dinamizar, visualizar e informatizar suas demonstrações na identificação dos polos determinante e determinado, nos textos.

Os sintagramas, símbolos visuais da Neopedagogia da Gramática, são convenções gráficas que falam e mostram, ou seja, a partir da visualização da dinâmica da estrutura textual, auxiliam a interpretar as funções sintáticas dos termos da oração, levando ao domínio gramatical. Eles sempre transmitem uma informação básica – na ponta da seta reside o determinado; na extremidade cega, o determinante – e quase todos apontam ou para um nome ou para um verbo, presentes ou representados. Uma seta-sintagrama é polivalente e unívoca. Diz muita coisa, informa diversos pormenores de um segmento textual em análise: conforme aponta para um ou outro termo, identifica o determinante e o determinado; pelo direcionamento, para a esquerda ou para a direita, mostra a ordem desses polos; pelo tipo de traço (duplo, simples ou pontilhado), descreve a importância dos

termos ligados (essenciais, integrantes e acessórios). Fundamentalmente, como já se viu na figura 1, acima, são três setas-sintagrama com corpos diferentes: essencial () , integrante () e acessória () . Dessas deriva uma quarta seta-sintagrama que é usada na identificação do predicativo () .

A força comunicativa dos sintagramas é uma via de duas mãos, pois serve para o docente informar como ele vê a dinâmica da arquitetura das frases ou para o discente receber a amostra da montagem dos textos. Dito de outro modo, os sintagramas são úteis para informar ou para ser informado sobre a sintaxe dos termos da oração e dos períodos que se apresentam. Dequi, na *Sintagramática* (1981), faz este registro:

Chamamos de sintagramas aos símbolos com que demonstramos e elucidamos o relacionamento sintático das palavras na estruturação de orações ou períodos. “Sinta” é cognato de “Sintaxe” e “grama”, de “gráfico”. Ninguém ignora a evidente presteza e lucidez didática dos símbolos visuais no contexto atual (DEQUI, 1981, p. 23).

Percebe-se que os sintagramas são símbolos que elucidam e fundamentam o funcionamento sintático dos termos da oração, o que foi, cuidadosamente, organizado pelo mentor da Neopedagogia da Gramática. Dequi assenta o seu trabalho no princípio de que todo texto é uma tessitura de determinantes e determinados. A base para a construção de cada sintagrama é o símbolo genérico de uma seta, a partir da qual se obtém a informação de que os determinantes podem ser fundamentados, complementados ou apresentar adjuntos secundários. O professor neopedagógico criou, inicialmente, os três símbolos básicos já demonstrados acima: o sintagrama essencial, que relaciona os termos indispensáveis; o sintagrama integrante, que designa os complementos; o sintagrama acessório, que expressa a relação das circunstâncias ou atributos qualitativos.

O método ainda prevê a utilização de outros sinais gráficos, os sintagramas auxiliares. Esses não simbolizam a relação determinante/determinado, mas são importantes para o estudo visual completo da sintaxe da língua portuguesa. Apresentam-se o sintagrama da coordenação, os sintagramas da regência, os sintagramas identificadores do tipo de sujeito e o sintagrama que denota termo sem função sintática, ou seja, aqueles que não são determinantes nem determinados.

Os sintagramas, portanto, são convenções gráficas de significativo apelo visual que auxiliam a interpretar as funções sintáticas dos termos da oração. Basicamente, como se viu acima, são três setas com corpos diferentes. O formato do corpo do sintagrama utilizado leva à identificação imediata da função sintática.

2.1.1 Sintagrama essencial



Fig. 2: Sintagrama essencial na ordem direta e na ordem indireta.

Fonte: DEQUI, 2011.

O sintagrama essencial nasceu do sinal de igualdade, pois liga os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o verbo. A igualdade entre esses polos é necessária, uma vez que mostra a verdadeira concordância verbal: o verbo flexiona o sujeito em número, ou seja, o verbo é o determinante máximo dentro de uma oração.

O sintagrama essencial, por esse motivo, é um sinal gráfico interpretativo compacto e forte que mostra, nas suas extremidades, estes conceitos: o determinante e o determinado; o sujeito e o predicado; o nome 1 e o verbo 2;⁵ a ordem direta ou a ordem indireta. O Prof. Francisco Dequi explica que

As setas colocadas nos textos nos informam sobre os fatos gramaticais. Mas o analista, ao interpretar o texto com o uso dos sintagramas, pode também informar a sua visão gramatical a outrem. Os sintagramas servem para informar nossa interpretação do texto, ou para sermos informados da interpretação de outrem (DEQUI, 2011, p. 20).

Assim, o sintagrama essencial colocado no texto interpreta-o e identifica o nome 1 e o verbo 2; mostra qual é o determinado e qual é o determinante; aponta o sujeito e o predicado. Deixa claro, ainda, que os polos por ele ligados são termos essenciais e que sua colocação está na ordem direta (determinado + determinante), ou na ordem indireta (determinante + determinado).

⁵ Os números 1 e 2 aqui referidos fazem parte de outra codificação adotada pela Neopedagogia da Gramática para a análise dos termos da oração e fazem parte de uma sequência de 0 a 5 que pode ser conferida na obra intitulada *Sintagramática* (DEQUI, 2008, p. 13).

2.1.2 Sintagma integrante



Fig. 3: Sintagma integrante na ordem direta e na ordem indireta.
Fonte: DEQUI, 2011.

O sintagma integrante é uma seta com traço contínuo e forte que mostra a relação de complemento/complementado. Utiliza-se tal símbolo para identificar os complementos verbais e nominais. Enfim, é um símbolo simples, mas compacto e muito importante, pois determina o verbo, termo 2, na fórmula da oração. É um termo regido e necessário para expressar uma mensagem. Determina, também, um nome, quando esse é transitivo, pede, depende, necessita de um complemento para transmitir, adequadamente, uma mensagem.

2.1.3 Sintagma acessório



Fig. 4: Sintagma acessório na ordem direta e na ordem indireta.
Fonte: DEQUI, 2011.

O sintagma acessório é uma seta com traço pontilhado. Ele denota a relação dos termos acessórios da oração: o adnome, o advérbio, o aposto. Todos são secundários e não são regidos. Esse símbolo sempre incidirá sobre um nome ou sobre um verbo.

Por identificar termos acessórios, ou seja, não regidos, esse sintagma fica como que em segundo plano, apesar de marcar elementos de considerável importância no texto. Os termos sinalizados com o sintagma acessório servem para dar o acabamento final à oração. Ressalta-se que, mesmo interpretando termos secundários, o sintagma acessório é dos mais frequentes na arquitetura textual, pois aparece, inúmeras vezes, tanto na ordem direta como na ordem inversa. Esse símbolo mostra, claramente, a relação determinante/determinado. Na extremidade cega, estará o determinante; na oposta, o determinado.

2.1.4 Sintagma do predicativo

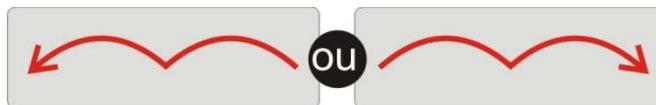


Fig. 5: Sintagma do predicativo na ordem direta e na ordem indireta.
Fonte: DEQUI, 2011.

O sintagma do predicativo, que só é utilizado com orações estruturadas com verbo de ligação, apresenta-se com um traçado diferenciado, pois é o resultado da junção de dois sintagmas integrantes. Ele denota que o elemento que se posiciona após o verbo de ligação é uma característica do sujeito, termo 1. Assim sendo, é classificado como adnome nato. Esse sintagma parte do predicativo (termo 3), faz um leve pouso no verbo (termo 2) e finaliza determinando o sujeito (termo 1).

Observa-se que esses quatro sintagmas – essencial, integrante, acessório e predicativo –, segundo a Neopedagogia da Gramática, incidem, normalmente, sobre um nome ou um verbo e transmitem a informação básica de que, na ponta da seta, está o determinado e, na extremidade cega, o determinante.

No método visual, adotado pela Neopedagogia da Gramática, ainda, encontram-se outros sinais gráficos, chamados de sintagmas auxiliares. Esses não simbolizam a relação determinante/determinado, mas são importantes para o estudo visual completo da sintaxe da língua portuguesa. Apresentam-se o sintagma da coordenação, os sintagmas da regência, os sintagmas identificadores do tipo de sujeito e o sintagma que denota termo sem função sintática, ou seja, aqueles que não são determinantes nem determinados.

2.1.5 Sintagma da coordenação



Fig. 6: Sintagma da coordenação.
Fonte: DEQUI, 2011.

O Sintagma ortogonal, utilizado para simbolizar coordenação de termos, não aponta determinante/determinado. Por isso, não recebe a ponta da seta. Esse

sintagrama mostra que os termos não possuem vínculos subordinativos, ou seja, refere coordenação de termos independentes.

Segundo Dequi (2001, p. 21), se a ponta da seta conota subordinação, pois o determinante sempre se subordina ao determinado, é lógico que o símbolo da coordenação não pode ser guarnecido de ponta vetorial.

Como se depreende da citação de Dequi, a simples visualização dos sintagramas já permite estabelecer o relacionamento sintático dos termos. Se o sintagrama aparecer com seta, tem-se uma relação de dependência (determinante/determinado); já, quando se utiliza o ortogonal, evidencia-se a relação de independência, pois os termos envolvidos não são determinantes nem determinados, apenas mantêm uma relação semântica no texto. Em resumo, pode-se dizer que a coordenação anexa termos às estruturas sem fazê-los “determinante e determinado”, enquanto a subordinação caracteriza-se por fazer o contrário: vincula os termos um ao outro, mantendo relações de determinância entre eles.

2.1.6 Sintagramas auxiliares

Os sintagramas auxiliares são símbolos já utilizados, frequentemente, em outras áreas. A Neopedagogia da Gramática apenas lhes reaproveitou, dando-lhes nova definição. Dequi propõe que se empreguem, na análise dos textos, seis sintagramas auxiliares. A seguir, apresenta-se a descrição de cada um deles.

O conjunto vazio é utilizado para marcar inexistência de morfema ou termo, isto é, o morfema zero ou termo zero. Se utilizado com o sintagrama essencial, revelará a inexistência de sujeito.



Buscado na álgebra, o X alude sempre a alguma indefinição, um número ou coisa hipotética não identificados. Se utilizado com o sintagrama essencial, lembrará sujeito indefinido.



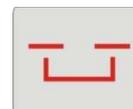
Os parênteses são utilizados para assinalar a omissão de algum termo. Se esses parênteses estiverem na ponta da seta essencial, revelarão sujeito oculto; na extremidade cega, acusarão verbo elíptico.



O sublinha é um traço utilizado para destacar elemento(s) da frase. Empregado sob uma única palavra, se utilizado com o sintagma essencial, apontará o núcleo de um sujeito simples.



O traço de sublinha repetido, com sintagma ortogonal, utilizado com sintagma essencial, mostra os núcleos de um sujeito composto, coordenados entre si.



O sintagma em cuja ponta encontra-se uma seta cortada deve ser lido como um símbolo indicador de inexistência de função sintática. O termo por ele identificado, não é determinante nem determinando e, na estrutura textual, não apresenta relação sintática com outro termo.⁶



2.1.7 Sintagramas da regência

A Neopedagogia da Gramática propõe o ensino da sintaxe completo e visual, apresentando sintagramas para todas as classificações sintáticas. Segundo Francisco Dequi (2001, p. 22), é possível informar, por meio desses elementos gráficos, se uma palavra é completa ou incompleta, se ela exige introdutor, ou não, podendo, inclusive, indicar qual é o introdutor necessário nos casos de regência preposicionada. Abaixo, mostram-se os símbolos visuais preconizados por Dequi para a descrição da regência. Ei-los:

Este sinal denota que a palavra é incompleta e exige um complemento sem preposição. Assim, para transmitir a mensagem, precisa do auxílio de um termo integrante (complemento verbal) introduzido na frase sem o uso de preposição.



Este sintagma sinaliza que a palavra é incompleta e exige um complemento iniciado com preposição pura ou combinada. Dessa forma, para transmitir a mensagem, precisa do auxílio de um termo integrante (complemento verbal ou nominal) introduzido na frase com a mediação de preposição. Dequi também sugere que, no lugar do *p* indicador da preposição, coloque-se, no sintagma, já a preposição que a regência determina.



⁶ Todos esses sintagramas aparecem com frequência nas obras do CES.

Este sinal marca que a palavra é incompleta e exige dois complementos, um sem preposição outro introduzido por preposição. Neste caso, também, o *p* indicador da preposição pode ser substituído, no sintagma, pela preposição que a regência determina.



Este recurso sinaliza que a palavra é completa, não exige complemento ou determinante, ou seja, transmite a mensagem sem que seja necessário recorrer a termos auxiliares.⁷



2.1.8 Sintagramas de abrangência



Fig. 7: Sintagramas de abrangência.
Fonte: DEQUI, 2011.

Os sintagramas de abrangência servem para delimitar um termo, ou seja, mostram um conjunto de palavras que constituem um determinante global e que devem ser consideradas como um todo.

Exemplos:⁸



2.1.9 Interpretação por Código Numérico

Para analisar e interpretar a estrutura oracional, a Neopedagogia da Gramática utiliza, também, esta convenção numérica fixa:

☞ Código 0 = indica a preposição pura, aposto, interjeição;

⁷ Também esses sintagramas podem ser conferidos nas obras do CES.

⁸ Neste exemplo, a mesma frase é interpretada mediante o uso de dois tipos alternativos de sintagramas de abrangência.

- ☞ Código 1 = marca o nome-sujeito ou seu representante;
- ☞ Código 2 = sinaliza o verbo simples ou composto;
- ☞ Código 3 = apresenta termo pós-verbal regido ou importante;
- ☞ Código 4 = denota circunstância adverbial;
- ☞ Código 5 = simboliza determinante da periferia do nome (adnome, ou complemento nominal, ou nome-adnome = aposto).

Esta técnica, muito útil pedagogicamente, além de ser sintética, possibilita exercícios sintáticos e interpretativos no próprio texto. Mantendo a correspondência entre o número e a função de cada termo, a análise com o código numérico facilita a interpretação da mensagem, quer se trate de ordem direta ou de ordem indireta. Observe-se, a seguir, um exemplo de frase em que as palavras estão dispostas em duas sequências diferentes. A aplicação do código numérico ajuda a esclarecer o sentido.

4 1 2 3
 Ali peritos examinaram causas.

ou

4 3 1 2
 Ali causas peritos examinaram.

2.2 A aplicação dos sintagmas da Neopedagogia da Gramática em textos de qualquer gênero

Após esta descrição dos sintagmas recomendados pela Neopedagogia da Gramática, passa-se a demonstrar a sua aplicabilidade em textos de gêneros diversos. Assim, para ilustrar o que foi teorizado, trabalhar-se-á com um editorial do Jornal Zero-Hora, da edição especial *A educação precisa de respostas*, intitulado *Além da avaliação* e com as duas primeiras estrofes do conhecido poema *Os Lusíadas*, de Camões.

2.2.1 Texto jornalístico

Neste primeiro texto, aplicam-se apenas alguns sintagmas e analisam-se as informações que eles sugerem. Veja-se a demonstração.

Além da avaliação

Poder público deve buscar soluções rápidas e eficazes para problemas da educação.

É preocupante a constatação de que quase 400 escolas públicas incluídas entre as piores do país em 2007 não conseguiram avançar na qualidade do ensino ministrado quatro anos depois, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2011. Na maioria delas, a situação até mesmo piorou – incluindo as do Rio Grande do Sul, que registra a situação mais desfavorável entre os Estados da Região Sul. Os resultados do levantamento, realizado pela Folha de S. Paulo com base em dados oficiais do Ministério da Educação (MEC), chamam a atenção para o fato de algumas escolas precisarem de socorro oficial urgente.

Ao concluir que apenas 7% das instituições de ensino incluídas entre as piores do país conseguiram avançar e até mesmo alcançar a média nacional, o estudo acaba apontando também a forma mais provável de se alcançar esse estágio. Uma das causas apontadas é justamente a adoção de avaliações capazes de identificar o tipo de dificuldade específica de cada aluno e a melhor forma de ajudá-lo a acompanhar o ritmo dos demais colegas de turma. É a forma de evitar uma situação generalizada de mau desempenho, que leva muitos alunos a chegarem à 8ª série do ensino fundamental com idade superior à média e falhas deploráveis no aprendizado.

O baixo desempenho no ensino fundamental tem causas que começam nas carências da pré-escola e prosseguem com dificuldades típicas do ensino, como a falta de qualificação de professores e a inadequação dos currículos. Por isso, o combate a esse fator de atraso para o país – e especialmente para o Estado, que já teve na educação um de seus pontos fortes – precisa ser feito da forma mais abrangente possível.

A avaliação deixa evidente o quanto programas oficiais de ajuda a escolas em dificuldades não vêm conseguindo atingir resultados minimamente satisfatórios. O maior desafio, portanto, é justamente o do poder público, que precisa agir rápido para evitar a continuidade dos prejuízos para os alunos.

O estudante que não tiver o domínio da linguagem dos sintagmas pouco aproveitará desses símbolos sobrepostos ao texto acima, pois não entenderá a sua linguagem, os seus significados. Todavia, o aluno que estudou pela Neopedagogia da Gramática irá dizer muita coisa. Ele conseguirá ler a sintaxe dos termos: reconhecerá os termos essenciais, integrantes e acessórios e poderá dizer com objetividade qual é o determinante e qual é o determinado, qual termo se subordina a que outro, qual termo depende de que outro, além de mostrar a regência dos verbos, os termos coordenados entre si e reconhecer muitas outras informações.

Abaixo, explicitam-se essas informações advindas dos sintagmas e, para facilitar a compreensão, elas serão expostas parágrafo por parágrafo.

Primeiro parágrafo:

Na quarta linha do primeiro parágrafo deste texto em análise, sobrepôs-se à forma verbal *piorou* o sintagma da regência () que revela verbo de sentido completo, ou seja, que não necessita de qualquer complemento para transmitir a mensagem que veicula. Assim, ele não será determinado por complemento verbal.

Na quinta linha, vislumbra-se um sintagma de abrangência em formato retangular, acoplado a uma seta acessória apontando para o nome *Rio Grande do Sul* (), dando conta de que ali se tem um adnome.

Na sétima linha, a preposição *para* está marcada com uma seta cortada (), símbolo indicador de inexistência de função sintática. Ele assinala que o termo *para*, de onde parte, não tem função sintática, não sendo, portanto, determinante nem determinado e não ocupando qualquer posição da fórmula da oração. Esse sinal apenas o identifica como preposição regida pelo nome *atenção* e como introdutor de um determinante. Aqui, vale ressaltar o conceito neopedagógico da preposição que a caracteriza não com a função de ligar termos, mas, sim, com a de iniciar um determinante.

Na oitava linha, aparece, novamente, o sintagma da regência sobre *precisarem*, mas, dessa vez com um *p* em seu interior (), chamando a atenção para a preposição que deve introduzir o complemento verbal necessário. E ainda, nessa oitava linha, um sintagma de abrangência em formato de chave e vinculado a uma seta integrante () marca a presença desse complemento verbal que fora requerido: *de socorro oficial urgente*. O sintagma integrante compõe-se de um traço simples com seta na ponta, mas compacto e forte, pois forte, também, é sua relação sintática, porque denota o determinante do verbo, o que lhe

dá completude. Na extremidade cega, tem-se o determinante (nome 3 / complemento verbal preposicionado: *de socorro oficial urgente*); na extremidade pontiaguda, o determinado (verbo: *precisarem*).

Segundo parágrafo:

Na segunda linha do segundo parágrafo, foi usado o sintagma da coordenação (, equiparando, sintaticamente, *avançar* e *alcançar*. O sintagma ortogonal, que não apresenta seta, denota ausência de determinância entre termos que, justapostos na estrutura do texto, apenas se relacionam semanticamente, sem se subordinarem um ao outro.

Na terceira linha, o sintagma da regência () sinaliza que o verbo *alcançar* é uma palavra incompleta que precisa de complemento, mas sem o auxílio de preposição. Ele serve para indicar que o verbo vai ser determinado por um complemento verbal apreposicionado (nome 3).

Já na quarta linha, encontra-se um sintagma de regência () que classifica o elemento apontado como um verbo de ligação, o qual deverá receber um complemento chamado predicativo (nome-adnome).

O sintagma acessório presente na sétima linha () é polivalente, pois pode mostrar a relação nome/adnome ou verbo/advérbio, enfim, ele identifica os termos acessórios que dão a semântica da ação verbal ou tipificam, qualificam e determinam um nome. Na aplicação feita no texto, percebe-se que o termo assinalado *muitos* é um adnome que está determinando o nome *alunos*. Pelo símbolo, tem-se a classificação de *muitos* que é adnome e, ainda, tem-se a identificação do determinante e do determinado: *muitos* é determinante de *alunos*. O rumo da seta, apontando da esquerda para a direita, lembra, também, que os termos estão na ordem indireta.

Terceiro parágrafo:

No terceiro parágrafo, foi empregado um sintagma integrante (, relacionando um termo determinado, o verbo (*tem*), com seu determinante, o complemento verbal apreposicionado (*causas*). Percebe-se aqui, novamente, que os sintagramas realmente falam e mostram os polos determinantes e determinados, além, é claro, de dar conta da correta classificação sintática dos termos e, ainda, orientar se estão empregados na ordem direta ou na ordem indireta.

Quarto parágrafo:

O último parágrafo do texto exemplifica o uso do sintagma essencial e do sintagma de predicativo.

O sintagma essencial () revela os termos essenciais da oração, os dois pilares básicos da comunicação, ou seja, relaciona o verbo (determinante) e o sujeito (determinado). Com esse gráfico, o leitor compreenderá com precisão que o verbo (*deixa*) é determinante do sujeito (*A avaliação*) que, por sua vez, é o determinado máximo da oração. Acrescenta-se ainda que esse sintagma aponta a ordem direta dos termos.

O sintagma do predicativo () , que pode ser observado na penúltima linha do texto, sinaliza a ligação de dois termos com auxílio de um verbo de ligação. Com esse gráfico, mostra-se que o termo pós-verbal é um determinante do sujeito e que o verbo de ligação é apenas o elo entre esses termos.

Este exercício serviu para mostrar a aplicação de sintagmas na classificação interna dos termos da oração. Adiante, trabalha-se com as mesmas ferramentas visuais para promover a análise externa das orações de um texto.

2.2.2 Excerto de *Os Lusíadas*

As duas primeiras estrofes do famoso poema *Os Lusíadas* do poeta português Luiz Vaz de Camões, abaixo, foram sintagramadas apenas em relação às orações que as compõem, aproveitando-se para mostrar que este exercício é de grande utilidade para a compreensão e interpretação de textos mais complexos. Primeiramente, apresenta-se excerto do poema – primeira e segunda estrofes do primeiro canto – em seu formato original, sem intervenções, podendo-se experimentar, o que é inegável, grande dificuldade na interpretação. Leia-se.

Os Lusíadas

I
*As armas e os barões assinalados,
 Que, da Ocidental praia Lusitana,
 Por mares nunca de antes navegados,
 Passaram ainda além da Taprobana,
 Em perigos e guerras esforçados,
 Mais do que prometia a força humana,
 E entre gente remota edificaram
 Novo Reino, que tanto sublimaram;*

II
E também as memórias gloriosas

Verifica-se, na análise acima, que os sintagmas são muito elucidativos. Basicamente, são setas que emitem informações simples: de pertencimento, localização, direção, etc. Sintaticamente, dizem algo do termo apontado, indicando a sua complementação ou o especificando, ou seja, exprimindo determinância. Assim, com a aplicação desses sinais, por mais dispersos que estejam os termos na organização dos enunciados, consegue-se captar facilmente a mensagem veiculada.

Agora, tomam-se a terceira e a quarta estrofes do mesmo poema *Os Lusíadas* e faz-se nova análise com o uso dos sintagmas, acrescentando-se, ainda, a aplicação do código numérico convencional, outra estratégia da neopedagogia por meio da qual é possível indicar a função sintática dos termos oracionais. Primeiramente, leiam-se os versos de Camões.

III

*Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.*

IV

*E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipoerene. [...] ¹⁰*

Observem-se, a seguir, os sintagmas e o código numérico realizando a análise sintática dessas duas estrofes do texto de Camões e contribuindo para a sua interpretação.

III

Cessem do sábio grego e do troiano as navegações grandes que fizeram;

Cessem do sábio grego e do toriano as navegações grandes que fizeram;
2 5 5 5 0 5 5 5 1 5 3 2

¹⁰ Transcrição da terceira e da quarta estrofes do primeiro canto do poema *Os Lusíadas*, de Camões.

Cale-se de Alexandro e de Trajano a fama das vitórias que tiveram;

Cale-se de Alexandro e de Trajano a fama das vitórias que tiveram;
2 3 0 5 0 0 5 5 1 5 5 3 (1) 2

Que eu canto o peito ilustre lusitano, a quem Netuno e Marte obedeceram;

Que eu canto o peito ilustre lusitano, a quem Netuno e Marte obedeceram;
0 1 2 5 3 5 5 0 3 1 0 1 2

Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta.

Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta.
2 5 1 3 5 1 5 2 0 5 1 5' 5 3 2

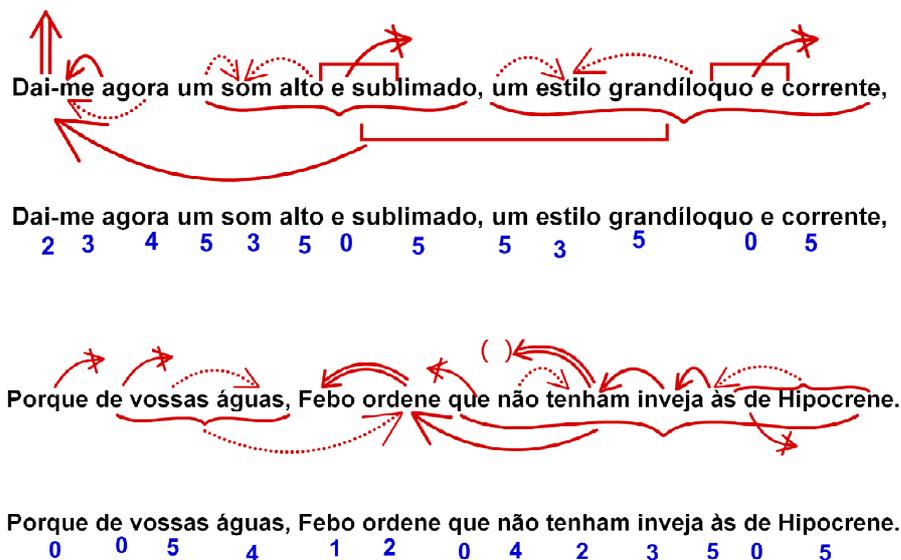
IV

E vós, Tágides minhas, pois criado tendes em mim um novo engenho ardente,

E vós, Tágides minhas, pois criado tendes em mim um novo engenho ardente,
0 1 0 5 0 2 0 4 5 5 3 5

Se sempre em verso humilde celebrado foi de mim vosso rio alegremente,

Se sempre em verso humilde celebrado foi de mim vosso rio alegremente,
0 4 0 4 5 2 0 3 5 1 4



Conforme se demonstrou, não restam dúvidas de que, uma vez conhecidos os sintagmas e o código numérico, basta a aplicação daqueles ou deste para efetuar a análise, pois eles falam por si e dispensam qualquer comentário ou outra modalidade de esclarecimento.

Considerações finais

O homem chegou à era da escrita digital. Não se pode pretender que o professor continue ensinando a escrever do mesmo modo como o fazia na época do pergaminho. A língua, ontem, hoje e amanhã, não é a mesma. Com o progresso, com a ampliação das relações entre os povos, é inevitável que ela se diversifique. Assim como é facultado a seus usuários adequá-la a cada situação de comunicação, sem perder de vista sua principal finalidade – expressar pensamentos, opiniões, sentimentos e reflexões sobre a vida e o mundo –, também os métodos de leitura e escrita precisam ser atualizados, incorporando os avanços tecnológicos que têm ocorrido.

Esta proposição do Prof. Francisco Dequi de utilizar, na análise dos textos, os sintagmas e o código numérico que se mostraram atende a esta necessidade atual: ler e escrever textos coerentes, que se mantenham em harmonia com o passado e o futuro, não deixando de obedecer às regras linguísticas indispensáveis para o acesso à língua padrão. Como se pode observar ao longo desta exposição, esses símbolos didáticos – de fácil assimilação e de número reduzido – servem para

comunicar e receber informações, constituindo-se como ferramentas para a interpretação objetiva dos textos.

Assim, para tirar o máximo de proveito nos estudos sobre a estrutura e o funcionamento dos textos, é importante ter o domínio da mensagem que o sintagma ou o código numérico carregam. A utilização desses símbolos na análise textual permite o rápido entendimento do que é dito e é de grande valia para a revisão do texto escrito. Quem domina o significado e a função de cada sintagma, facilmente, conseguirá sintagamar qualquer texto e, desse modo, também logo identificará eventuais problemas estruturais que eles possam apresentar. Constatada a existência, por exemplo, de um verbo ou nome de sentido incompleto e não havendo o respectivo complemento, apontado pelo sintagma adequado, o leitor ou escritor logo se dará conta de que será preciso investir na reestrutura da frase.

O domínio da linguagem sucinta dos sintagmas e do código numérico possibilita a realização de variados exercícios lúdicos e informatizados. Por isso, vale a pena reter essa linguagem visual cujas convenções ensejam analisar/interpretar qualquer texto pela simples sobreposição de sintagmas ou de números às palavras ou aos conjuntos de palavras, sem esfacelar os textos.

Considerando-se, portanto, os benefícios do uso dos sintagmas na leitura e na produção dos textos, não se pode deixar de recomendar essa metodologia aos professores de língua portuguesa que tanto se têm queixado de dificuldades encontradas no ensino. E, ainda, para complementar este estudo, sugere-se o contato com os demais conteúdos da Neopedagogia da Gramática disponíveis nas obras do CES.

Referências

A EDUCAÇÃO precisa de resposta. *Zero Hora*, Porto Alegre, 03 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/19,0,3905216,Editorial-I-Alem-da-avaliacao.html>>. Acesso em: 03 out. 2012.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Apresentação, organização e notas de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2010.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

DEQUI, Francisco. *Carta Magna da Língua Portuguesa*. 5. ed. Canoas: IPUC/FATIPUC, 2011.

_____. *Neopedagogia da Gramática – 18 teses surpreendentes*. 2. ed. Canoas: IPUC/FATIPUC, 2011.

_____. *Sintagmática – Identificação de determinantes e determinados*. 5. ed. Canoas: Edipuc, 2001.

_____. *Sintagmática*. 6. ed. Canoas: IPUC/FATIPUC, 2008.